

## ACONTECEU COM UM AMIGO DE UM AMIGO MEU: O TERROR INFANTO-JUVENIL NAS LENDAS URBANAS EM *FREAKY STORIES* (1997-1998)

Pedro Henrique Alves Silva, UFF<sup>1</sup>

**Resumo:** Embora não existam muitas pesquisas em português sobre lendas urbanas e, mais especificamente, a conexão dessas narrativas com o público infanto-juvenil; essa análise pode contribuir para pensarmos em vários aspectos relacionados às narrativas de terror para crianças. Ao analisarmos os desdobramentos de lendas urbanas e a maneira com que a animação canadense *Freaky Stories* as apresenta para o seu público-alvo, podemos evidenciar aspectos interessantes relacionados a reapropriação e transformação do terror.

**Palavras-chave:** *Freaky Stories*; terror infanto-juvenil; lendas urbanas; desenhos animados.

**Abstract:** Although there is not much research in portuguese about urban legends and, more specifically, the connection of these narratives with children and youth; this analysis can contribute to thinking about several aspects related to horror narratives for children. By analyzing the unfolding of urban legends and the way canadian animation *Freaky Stories* presents them to its target audience, we can highlight interesting aspects related to the reappropriation and transformation of horror.

**Keywords:** *Freaky Stories*; horror for children; urban legends; cartoon.

### INTRODUÇÃO

A história não é nova e toda instituição de ensino tem uma variação exclusiva para chamar de sua desde tempos antigos: algum aposento, às vezes o prédio por inteiro, é assombrado por algum fantasma ou monstruosidade. Essa classe de histórias é transmitida de aluno a aluno, a ponto de, ao passar do tempo, tornar-se cada vez mais difícil rastrear as suas origens. Fora das escolas e colégios, rumores de acontecimentos mundanos também se transformam em narrativas fantásticas que são repassadas entre os cidadãos, nunca ocorridos com eles próprios, mas com alguém próximo de um amigo: acordar em uma banheira de gelo com incisões e órgãos faltantes; o fantasma de uma mulher que pede para que o taxista a deixe no cemitério; ou, até mesmo, a manchete do nascimento de um bebê-diabo. Algumas dessas histórias, por mais que não carreguem o fator da monstruosidade, considerado por Carroll (1999) como essencial para a categorização do horror, são bem sucedidas em amedrontar os seus ouvintes.

---

<sup>1</sup>Licenciado em Cinema e atual mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, onde pesquisa narrativas de terror direcionadas ao público infanto-juvenil, ambas pela UFF. Além de pesquisador, atua como curador de festivais, roteirista e educador audiovisual. pedro\_alves@id.uff.br

Assim como o termo terror (ou horror, por mais que em nosso país tenha se convencionado a expressão anterior), essas narrativas não possuem um consenso em relação a sua denominação. Alguns se referem a elas como sendo lendas urbanas, já outros como sendo lendas contemporâneas<sup>2</sup>. Para nossos propósitos, optou-se pela nomenclatura lendas urbanas pela sua maior utilização. Detendo-nos na relação específica entre as lendas urbanas e a infância, podemos encará-las como um terror sem filtro para esse público. Ao contrário de produções audiovisuais de terror que são pensadas com esse público em mente (ANTUNES, 2020; LESTER, 2016), as lendas urbanas são repassadas pelas próprias crianças entre si, com elas mesmas funcionando, paralelamente, como criadoras, público e filtro do que seria o limite do amedrontador. A internet complexificou ainda mais esse encadeamento e a forma com que o público infantil se reapropria de narrativas que, em um primeiro momento, não foram pensadas para ele (SILVA, 2021).

Pensando nisso, apontaremos algumas particularidades desse gênero narrativo e sua relação com o público infanto-juvenil através da análise da série canadense de animação *Freaky Stories*.

## **LENDAS URBANAS COMO ALERTA: CONTOS DE FADAS MODERNOS?**

Ao pensarmos no efeito que essas narrativas exercem e na forma orgânica com que se espalham e permanecem por grupos de indivíduos, podemos traçar um paralelo possível entre as lendas urbanas e os contos de fadas. Primeiro, por conta das transformações sofridas por ambas com o passar do tempo: tanto de elementos narrativos — mantendo sempre o cerne da estrutura, contudo — e de seu público-alvo.

Os contos de fadas se transformaram em produtos infanto-juvenis após sofrerem reconfigurações, a exemplo da seleção e edição de histórias orais realizada por Charles Perrault, que tinha como público-alvo os adultos dos salões franceses do final do século XVII, até as coletâneas escritas pelos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, que possuíam elementos grotescos e violentos que foram gradativamente atenuados a cada nova publicação. Da mesma forma, a lenda urbana “é submetida a contínuos

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre a terminologia ler LOPES (2008).

deslocamentos em virtude mesmo de sua inserção numa determinada prática sócio-histórico-culturalmente localizada” (PINHEIRO, 2002, apud LOPES, 2008, p. 389).

Para além disso, um aspecto que aproxima os dois tipos de narrativas é a maneira com que funcionam, conscientemente ou não, como alertas para o seu público.

O conteúdo do conto [de fadas] escolhido usualmente não tem nada que ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e daí insolúveis. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter entrelaçados os traços do cotidiano (BETTELHEIM, 2015, p. 36)

Assim como, aponta Lopes, as lendas urbanas “lidam com elementos imediatamente reconhecíveis e cotidianos (o mundano), mas que estão de algum modo “fora da ordem” (o extraordinário)” (2008, p. 378).

Ao analisarmos os exemplos mais notórios de lendas urbanas envolvendo crianças, notaremos que atuam como uma maneira de externalizar e abrandar temores compartilhados por determinado grupo em uma determinada época. Em sua pesquisa<sup>3</sup>, a Dra. Susana Sosenski, através das interseções entre as histórias da infância, do medo e dos meios de comunicação no México do século XX, analisa a história do sequestro infantil em território mexicano e como esses eventos originaram a lenda do *robachicos* (muito semelhante à figura brasileira do velho do saco ou, no território dos contos de fadas, o Flautista de Hamelin).

Mais recentemente, podemos apontar o surgimento da criatura do *Slender Man*, uma figura com membros alongados e sem face que, em sua origem, sequestrava crianças. Essa criatura é peculiar por duas principais razões: conseguimos rastrear facilmente a sua origem, visto que foi concebida em decorrência de um concurso de criação de lendas em um fórum da internet; e, o mais curioso, a maneira com que a criatura monstruosa foi reapropriada pelo público jovem. *Slender Man*, anteriormente criatura solitária e misteriosa, ganha novos membros para a sua família — de uma sogra (*Granny*) até uma filha (*Slendrina*). Mais importante: sua aparição anteriormente idealizada em seu mito fundador como tragédia ou algo negativo acabou por transforma-se em algo positivo, sobretudo por conta do público jovem que consome as suas histórias. O monstro, agora, surgiria para salvar as crianças, não mais para causa

---

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a pesquisa, assistir SOSENSKI (2021).

algum mal a elas. Sobre essa predileção pelo sequestro de crianças e jovens, Trevor J. Blank e Lynne S. McNeill apontam que

O fato de que *Slender Man* considera frequentemente crianças e adolescentes como alvo fornece um forte comentário sobre as maneiras contraditórias que os jovens são forçados a compreender os adultos e as instituições hoje - como cuidadosos, capazes e autoritários, mas também como um poder unificador sem rosto manipulativo e perigoso (BLANK, MCNEILL, 2018, p. 16, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ao pensarmos ainda sobre como essas lendas são apreendidas, compreendidas e transmitidas pelo público jovem e seus pares podemos nos atentar a pesquisa de Shirley Arora (2000) sobre as crianças e a lenda da *Llorona*. Ela aponta que

outras evidências da transmissão de criança para criança podem ser encontradas em versões da lenda, registradas diretamente de crianças que são colegas de classe, nas quais certos *motifs* compartilhados, mas atípicos, sugerem uma troca ativa de histórias distintas, embora não sem nenhuma relação, da transmissão presumivelmente dominada dentro das famílias pelos adultos (ARORA, 2000, p. 33, tradução nossa)<sup>5</sup>.

## FREAKY STORIES: LENDAS URBANAS INFANTO-JUVENIS

*Freaky Stories* foi um seriado de animação canadense de três temporadas, exibidas entre os anos de 1997 e 1998. Em formato antológico, cada episódio apresentava cerca de quatro narrativas curtas de terror baseadas em lendas urbanas. Nos moldes de seriados antológicos de terror como Alfred Hitchcock Apresenta (1955-1962), Além da Imaginação (1959-1964, 1985-1989, 2002-2003, 2019-2020) e Galeria do Terror (1969- 1973), a animação possuía uma apresentação no início e no fim de cada episódio desenvolvendo a *motif* das narrativas. Assim como Contos da Cripta (1989-1996) apresentado pelo Guardião da Cripta, uma sarcástica caveira, a

---

<sup>4</sup> No original: “The fact that *Slender Man* is often believed to target children and adolescents provides a strong commentary on the contradictory ways that young people are forced to perceive adults and institutions today—as caring, capable, and authoritative, but also as a faceless, unified power, manipulative and dangerous”.

<sup>5</sup> No original: “Further evidence of child-to-child transmission is to be found in versions of the legend, recorded directly from children who are classmates, in which certain shared but atypical motifs suggest an active exchange of stories separate from, though not unrelated to, the adult-dominated transmission that presumably takes place within families”.

apresentação de *Freaky Stories* também envolvia criaturas sobrenaturais: a barata Larry de Bug e o verme Maurice<sup>6</sup>.

Destacando uma de suas histórias, por exemplo, podemos analisar as alterações realizadas pelo seriado em relação ao material-base com objetivo de adequar seu conteúdo ao seu público-alvo. A história se chama *A Babá*<sup>7</sup> (*The Babysitter*, no original) e conta a história de uma adolescente que, durante uma noite trabalhando como babá, recebe ligações insistentes pedindo para que verifique as crianças no andar de cima. No fim, a personagem descobre que as ligações que está recebendo estão sendo realizadas dentro da própria casa. Contudo, ela consegue fugir com as crianças, sã e salva. Existem muitas variações dessa lenda, incluindo no Brasil: o homem está vestido de palhaço, algo acontece com as crianças, algo acontece com a babá etc. O assassinato de Janett Christman na década de 1950, enquanto trabalhava como babá, é comumente citado como a origem dessa lenda. Com base nesta mesma premissa foram realizadas várias adaptações audiovisuais desde o clássico *slasher* *Noite do Terror* (1974) de Bob Clark até os mais recentes *Quando um Estranho Chama* (2006) de Simon West e *Diversão Macabra* (2008) de John Simpson.

No episódio, podemos perceber um aceno dos criadores em direção a essas variações existentes da narrativa, o palhaço que surge na televisão na sequência inicial, por exemplo, mas, ainda mais importante, uma constante suavização de qualquer tipo de violência explícita que, ao fim, serve a função de desintoxicação da trama, ou seja, “quando o medo é subtraído de imagens potencialmente horríveis - como acontece em muitas comédias” (CARROLL, 1999a, p. 158).

Ao analisarmos o histórico de exibição de *Freaky Stories*, perceberemos que os canais infantis nunca souberam ao certo qual o melhor horário ou, até mesmo, a maneira adequada para reprodução de tal programa. A Fox Family, emissora norte-americana que transmitia o seriado, frequentemente encaixava as histórias da animação como um segmento de outra de suas aquisições: *Os Três Amigos e Jerry* (1998). No Brasil, as quatro histórias de cada episódio eram separadas e exibidas durante os intervalos comerciais do Cartoon Network durante o fim da década de 1990 e começo dos anos 2000 — sem a apresentação e encerramento, ou nenhuma identificação. Contudo, tanto

---

<sup>6</sup> Para mais informações sobre a animação, ler MADDEVER (1997).

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NYd37yd7P4Q>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

em território estadunidense, quanto brasileiro, a série foi responsável por popularizar a frase que rotineiramente dava início aos seus episódios: “Essa é uma história verdadeira. Aconteceu com um amigo de um amigo meu...”. Apresentação típica das lendas urbanas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontamos, as lendas urbanas estão presente em nosso cotidiano e nas mais diversas mídias. Ninguém é preservado desse contato, nem mesmo as crianças. As lendas surgem para elas através dos amigos do colégio, de imagens e vídeos da internet, ou em produções audiovisuais como *Freaky Stories*. Uma análise dessas narrativas poderia nos auxiliar ao pensarmos na construção do horror direcionado ao público infanto-juvenil visto que são as próprias crianças que recriam, reapropriam e transmitem aos seus pares. A questão norteadora é a superação do debate se o terror seria um gênero apropriado para o público infantil. O foco mais aconselhável seria no desenvolvimento de métodos para a criação de narrativas desse gênero da maneira mais adequada para o público infanto-juvenil. Caso contrário, seguiremos o mesmo caminho dos canais infantis com *Freaky Stories*: com conteúdo produzido, público cativo, mas sem saber a melhor forma de exibi-los.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Filipa. **Children Beware!: Childhood, Horror and the PG-13 Rating**. McFarland, 2020.
- ARORA, Shirley. **Hear and Tell – Children and the Llorona**. Contemporary Legend – The Journal of the International Society for Contemporary Legend Research, No. 3, v. 27, p. 27, 2000.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz e Terra, 2015.
- BLANK, Trevor J.; MCNEILL, Lynne S. **Slender Man Is Coming: Creepypasta and Contemporary Legends on the Internet**. University Press of Colorado, 2018.
- CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus Editora, 1999.
- CARROLL, Noël. **Horror and humor**. The Journal of Aesthetics and Art Criticism, v. 57, n. 2, p. 145-160, 1999a.

LESTER, Catherine. **The Children's Horror Film: characterizing an “impossible” subgenre.** *The Velvet Light Trap*, n. 78, p. 22-37, 2016.

LOPES, Carlos Renato. **Em busca do gênero lenda urbana.** *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 2, p. 373-393, 2008.

MADDEVER, Mary. **Freaky Stories a first on many fronts.** *Playback*. 6 out. 1997. Disponível em: <<https://playbackonline.ca/1997/10/06/19496-19971006/>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SILVA, Pedro Henrique Alves. 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2021, Recife. **Quem tem medo de creepypasta?: lendas urbanas contemporâneas, o público infantil e a internet.** São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2021>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SOSENSKI, Susana. Dra. Susana Sosenski: **Historia de la infancia y del miedo.** Youtube, 29 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VyqMfVwr88s>>. Acesso em: 05 jan. 2022.